

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
FACULDADE DE LETRAS E ZOOCTENIA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**LITERATURA E LIVRO DIDÁTICO: SUAS RELAÇÕES NO ENSINO MÉDIO**

**PONTES E LACERDA – MT  
2013**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA  
FACULDADE DE LETRAS E ZOOCTENIA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**MIRTES DA SILVA AQUINO**

**LITERATURA E LIVRO DIDÁTICO: SUAS RELAÇÕES NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso-*Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes  
Junior

**PONTES E LACERDA – MT  
2013**

TCC foi apresentado perante a seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Junior

(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup> Ms. Ediliane Gonçalves

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tereza Pazos

À minha mãe Zélia das Dores Silva Aquino por  
contribui neste processo de formação. Obrigada  
por todo incentivo, dedicação e amor. Verdadeiro  
exemplo de amizade e cumplicidade.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele nada disso seria possível. Em todos os momentos sinto tua presença, sua mão de pai me abençoando me dando forças para não desanimar jamais;

À minha família, meus irmãos Alex Aquino, Michele Aquino e meus sobrinhos Yasmim Vitória e Luiz Otávio pelas palavras de carinho, por compreenderem minha ausência e pelo constante apoio nos momentos de desespero;

À Nandara, pelo companheirismo, por acreditar que eu seria capaz, pelo incentivo nos momentos de angústia, por compartilhar seus conhecimentos dentro e fora do espaço acadêmico. Enfim obrigada por não desistir de mim;

Ao Almir pela amizade sincera, pelas conversas de incentivo, pelo abraço acolhedor e pelo sorriso cativante nos momentos em que mais precisei;

Aos meus amigos Carla Figueiredo, Josiane Albino, Dalila Soares, Thallita Guimarães, Francisco Mazuy, Alex da Silva, Maria Rosalina e Pe. Edson Luiz Dias Cardoso pelas alegrias e tristezas compartilhadas durante todo o curso, com vocês essa longa caminhada se tornou mais harmônica. Obrigada pelo carinho.

Aos amigos de Faculdade Adriana Cardoso, Henrique Aiala Abreu, Renan Gomides, Wellington Galossi, Simone Alves Cipriano, Beatriz de Barros Palermo, Autajan Geocasta de Araujo Carvalho, João Oliveira, Adriele de Almeida Xavier, Luzielha de Almeida Xavier e Fabíola Lacerda, Valdinéia Albertoni pela amizade, por dividirem comigo mais essa conquista, pelo abraço e a mão estendida sempre que precisei;

Ao meu orientador Profº Drº Helvio Gomes Moraes Júnior pela paciência e comprometimento com este trabalho. Agradeço pelas discussões fomentadas na elaboração deste trabalho e também por discordar de mim em alguns momentos, tudo isso contribuiu significativamente para que este trabalho se realizasse e, principalmente, pelo meu amadurecimento acadêmico e futuramente profissional, obrigada;

Aos componentes da banca: Profª Ms. Ediliane Gonçalves e Prof. Dr. Tereza Pazos por disponibilizarem tempo e conhecimento neste momento tão importante da graduação, meu muito obrigada!

Aos demais professores, a José Pereira S. Neto, Marinei Almeida, Ricardo Marques, Selma Kirsh, Aparecida Cristina, Lara Castro, Epaminondas Matos, Madalena Machado, enfim, a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, no decorrer da minha formação.

Para que o leitor não morra como leitor, a arte poética e ficcional deve ser apresentada em primeiro lugar em seu estranho poder imprevisto, encantador, emocionante, de forma a criar raízes profundas o suficiente para que nenhum corte analítico ou metodológico venha a podar sua presença criadora, para que nenhuma de suas partes essenciais seja amputada antes que ela aprenda a se mover e nos acompanhe pelos sentidos que damos à vida à medida que vivemos. Se o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo.

CAIO MEIRA

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo discutir as relações entre Literatura e Livro didático no ensino médio. Para tanto, destacamos ao longo dessa discussão, especificamente, o primeiro capítulo do Livro didático **Ser Protagonista** (2010) – Organizado por Ricardo Gonçalves Barreto, intitulado “Porque ler literatura?”. A partir disso, nos propomos ao longo desse trabalho monográfico, estabelecer relações que nos permitam entender como se dá o ensino de literatura em sala de aula por meio do LD. Como é essa relação? Funciona? Quais dificuldades enfrentadas ao longo do processo ensino-aprendizagem do aluno? São essas e outras indagações que permeiam este trabalho. Além disso, indicamos ao final, uma possível proposta de trabalho em sala de aula que dialogue com o que nos é apresentando no decorrer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Livro Didático, Educação, Ensino/Aprendizagem

## **ABSTRACT**

This work aims to discuss the relations between literature and textbook in high school. To this end we highlight in our discussion the first chapter of “Ser protagonista” textbook (2010) – organized by Ricardo Gonçalves Barreto, titled “Porque ler literature?”. From this, we propose to establish in this monographic work the relations that allow us to understand how the literature teaching develops itself in the classroom by means of the textbook. How is this relationship? Does it work? Which are the difficulties faced in the teaching-learning process by student? These are the questions that permeate this work. Moreover we indicate at the end of this text a possible work proposal in the classroom that dialogues with that presented in the development of this monograph.

**KEYWORDS:** Literature, Textbook, Education, Teaching/Learning.

## SUMÁRIO

|                            |    |
|----------------------------|----|
| INTRODUÇÃO                 | 09 |
| I CAPÍTULO -               | 10 |
| II CAPÍTULO –              | 25 |
| III CAPÍTULO–              | 37 |
| ANEXOS                     | 43 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 49 |

## INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico originou-se a partir de uma inquietação durante o Estágio Curricular Supervisionado II, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura. Ao ter contato direto com a sala de aula, alunos, professores, materiais pedagógicos e os modos como às aulas eram lecionadas nos indagamos sobre o processo de ensino, especificamente, na disciplina de Literatura por meio do livro didático.

Propomo-nos a discutir a relação existente entre o livro didático e o ensino de literatura. Como se estabelece essa relação? O LD consegue abarcar todas as discussões a que se propõe de modo satisfatório? Os alunos conseguem apreender noções mínimas sobre o que de fato é o literário? Têm contato direto com as obras literárias? Esses e outros questionamentos norteiam nossa pesquisa no intuito não só de problematizar, mas também, de (re)pensar o espaço que é dado ao texto literário em sala de aula.

Nosso *corpus* parte do livro didático **Ser Protagonista** (2010), organizado por Ricardo Gonçalves Barreto. Tomamos para nossas discussões, especificamente, o primeiro capítulo que tem como tema: “Por que ler literatura?”. São três capítulos, no qual, o primeiro traz uma abordagem mais teórica sobre o que estudiosos/pesquisadores discutem sobre o ensino de literatura. No segundo capítulo nos debruçamos sob a análise do primeiro capítulo do LD, seus conteúdos, abordagem, propostas e etc. Por fim, nosso terceiro capítulo apresenta uma proposta de trabalho que leva em consideração a ementa trazida pelo LD. Porém, não se prende aos conteúdos e textos fragmentados que o mesmo traz.

Ao longo desse trabalho veremos considerações importantes que orientam e dão embasamento as nossas reflexões, tais como: Antonio Candido (1988), Maria Teresa Freitas (2007), Paulo Franquetti (2009), Tzvetan Todorov (2010), dentre outros.

## **CAPÍTULO I - ENSINO DE LITERATURA: UM PERCURSO CRÍTICO SOBRE SUA IMPORTÂNCIA**

A prática da leitura literária se torna imprescindível ao processo de amadurecimento do aluno como leitor. Ao intermediar o livro didático e as obras literárias no decorrer das aulas, se faz necessária uma reflexão mais profunda, que não envolva apenas discussões superficiais, mas que possibilite ao aluno ver/discutir/compreender/analisar/julgar/apontar questionamentos contra ou a favor. Para que isso ocorra de modo satisfatório, devemos instigar nossos alunos enquanto leitores, não somente por meio de uma prática pedagógica que enfatiza o lúdico e o agradável e que, quase inevitavelmente termina no superficial, mas, sim, por meio de um trabalho que aceite e instigue a participação ativa e peculiar dos envolvidos neste processo, uma vez que cada leitor possui um perfil único e esse fator é primordial para que os alunos se expressem de modo crítico, fazendo com que as atividades transmitidas através do Livro Didático, caso aconteçam de fato, se desenvolvam de modo eficaz e produtivo, e não por obrigação – e, acima de tudo, não como um fim em si mesmas –, para que não se tomem de repulsa e, sim, desenvolvam o hábito pela leitura literária.

É importante planejar e programar aulas de modo a prender a atenção dos alunos. Uma roda de leitura no pátio da escola, debates, peças de teatro, filmes, são meios bastante viáveis para a prática de leitura, mostrando que é possível discutir literatura além das páginas dos livros didáticos. Portanto, podemos explorar estes horizontes de expectativas dos alunos de vários modos, buscando sempre provocar um olhar crítico em relação ao que as obras literárias no todo nos proporcionam, utilizando o Livro Didático sempre como apoio metodológico, e aproveitando textos selecionados ali para aprofundar a leitura literária nos alunos. Por exemplo, ao trabalharmos com gêneros literários, como contos, crônicas, poemas, romances, textos jornalísticos etc., buscar outros materiais que dialoguem entre si, fazendo com que os alunos

percebam as semelhanças, as diferenças, os contextos históricos, as relações entre personagem, mundo, etc. E/ou promovendo, além das questões propostas pelo livro didático, diálogos com a música, o teatro, o cinema, outras manifestações culturais, dentre outros possíveis meios de interpretação, entendimento, conhecimento, não só literários, mas também de mundo. Como afirma Freitas:

[...] uma nova tecnologia não destrói a que lhe antecede. Lembra que o surgimento da impressão, acompanhado por negativas previsões, não erradicou o gosto pelo texto escrito. (...) É possível, pois, que também o computador e, principalmente, a Internet podem se constituir em um caminho para os livros e não em seus substitutos (FREITAS, 2007, p.156).

Destaca, dessa forma, que a literatura pode ser trabalhada a partir de outro viés, aproximando as necessidades dos alunos, da escola, dos professores, além de oferecer caminhos outros, que não exclusivamente o livro didático, e disponibilize certo dinamismo para as aulas e, muito além disto, um trabalho realmente eficaz com o material literário. É necessário que o professor, como mediador do conhecimento, explore mais os conteúdos, utilizando-se do livro didático como apoio para discussões maiores, aprofundando tanto os seus conhecimentos quanto o conhecimento dos alunos. Os meios midiáticos, quando utilizados nas salas de aula, tendem a prender e a desenvolver maior compreensão acerca do conteúdo proposto pelo livro didático.

Como mencionado acima, podemos utilizar o livro didático somente como material de apoio e não como algo absoluto. É através dele que grande parte dos professores se guia, mas é preciso nos atentar para que não fiquemos fechados única e exclusivamente a este. Segundo Matias de Azevedo (2002/2003) vemos que:

Para o MEC (pelo menos é o que consta nos guias) o livro didático deve ser considerado como material de apoio. Assim está escrito: “... um material de *apoio didático* de qualidade faz grande diferença no processo de ensino-aprendizagem.” Essa assertiva é, por completo, verdadeira. O que deve ser questionado é o fato, igualmente verdadeiro em relação à assertiva, de que o livro didático não mais se constitui, definitivamente, num material de apoio.

(...) Acredito que a relação do professor, em qualquer uma das séries do Ensino Fundamental, com o livro didático, considerando inclusive a interdependência aludida acima, deve ser uma relação crítica. O livro didático não é transmissor de uma sabedoria absoluta. Por isso a necessidade dessa relação (...) ( p. 6)

Podemos seguir os conteúdos propostos pelo livro didático, mas somente como apoio no decorrer das aulas, uma vez que este ainda é o principal instrumento pedagógico que a maioria dos professores possui. O livro didático ainda é a base para a preparação das aulas, e muitos professores seguem este à risca, acabando por não preparar aulas que despertem a atenção dos alunos. Não devemos ficar no comodismo do livro didático, mas, sim, ir além daquilo que este nos propõe, estender laços e buscar resultados satisfatórios. Ressaltamos que a seleção feita pelos organizadores de um livro didático é um material que, as mais das vezes, traz em si autores renomados da nossa literatura, que não deveriam de modo algum ser estudados superficialmente, como ocorre em determinadas escolas<sup>1</sup>.

Matamos completamente o gosto/interesse pela leitura literária no instante em que utilizamos apenas o LD, além de usar os textos literários para o ensino de outras disciplinas, o que se relaciona com o que vários autores apontam como uma forma de uso do texto literário como mero pretexto para o ensino de outra disciplina, principalmente a língua e a produção de textos. Ao contrário desta ideia, que vemos apresentada pelos PCN's, Franchetti afirma que:

Creio que ela (literatura) não precisa ser ensinada como história, como sociologia, como lingüística, como geografia, como política, como economia etc. Ela pode ser usada para ensinar todas essas coisas, mas quem estuda isso não estuda, a rigor, literatura. De fato, de que vale ler *Dom Casmurro* apenas em busca dos índices da situação social das personagens ou do estatuto do agregado na sociedade brasileira? O romance é apenas mais um documento

---

<sup>1</sup> Não é nosso objetivo, aqui, discutir a complexa questão relacionada ao papel da escola e a formação e manutenção do cânone literário, seja nacional ou universal. Sabemos que, na história da educação, as antologias tiveram um papel bastante relevante na consolidação de um cânone nacional, e que este problema envolve questões ideológicas extremamente complexas. No âmbito de nosso trabalho, o que nos importa, quando apontamos que certas obras canônicas não devem ser estudadas de modo superficial, é seu caráter estético e sua importância histórica.

sobre o assunto. Um documento entre tantos a partir dos quais se pode construir uma descrição do período e dos agentes sociais. Provavelmente não o melhor, pois consagrado principalmente pelo investimento estético. Lê-lo apenas como documento ou como indício de fatos da realidade datada é deslê-lo como literatura. Se o leitor de *Dom Casmurro*, por exemplo, não deu conta da amargura do ciúme, se não percorreu o caminho da angústia e não descobriu a ponta de loucura ou a miséria moral do narrador, se não se divertiu ou se admirou com a profusão de referências cultas que enxameiam a prosa de Bento Santiago, terá mesmo lido literariamente o livro? (FRANCHETTI, 2009, p. 08).

Não devemos utilizar as obras literárias como pretextos para o conhecimento e a prática de outras disciplinas, pois isso, de certa forma, mata o interesse do aluno por qualquer prática de leitura. Exemplo disso seria quando temos um livro didático com um poema de Vinícius de Moraes, sendo utilizado tão somente para ensinar metonímia/metáfora. E as relações leitor/mundo? Realidade/expectativa? E quando se trata de interpretação? Será que os alunos serão capazes de fazê-lo com textos, como “Era uma vez João e Maria...”, e, posteriormente, durante a “interpretação”, quando surgem questões como “Qual era o nome dos Personagens?”. O que nos fica claro e latente em algumas situações é que as obras literárias são usadas como pretexto mesmo, o que no fim acarreta no desestímulo por parte dos alunos em relação às leituras literárias, como mencionado anteriormente.

Assim, faz-se necessário entender os processos que implicam o ensino de Literatura. A partir dos PCN's, vemos que o texto literário se constitui enquanto relação entre o homem e o mundo, afasta e aproxima, produz conhecimento:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua (...) (p. 26).

O texto literário, portanto, aprofunda as relações existentes no mundo, destacando seu papel formador, reflexivo, crítico, além de proporcionar aos leitores, em especial aos alunos, uma oportunidade de discutir as situações a sua volta, de textos que, de um modo ou outro, estejam ligados à realidade dos alunos, de gêneros literários diversos, tais como: romances, poemas, contos, crônicas, sonetos, etc. Com efeito, cabe também ao professor mediar a relação entre as leituras literárias e os alunos, demonstrando sua importância e relevância, e os modos como essa disciplina pode contribuir no processo de busca/conhecimento.

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem (PCN'S, 1998, P. 22).

Então, como já mencionado, cabe ao professor aprofundar tanto os seus próprios conhecimentos quanto ajudar os alunos a trilharem o mesmo caminho de busca, criarem novas perspectivas de ver/discutir/refletir/viver o mundo.

Vemos desse modo, que o ensino de literatura é de suma importância. Todas as leituras realizadas pelo aluno/leitor, de modo prazeroso (o prazer visto aqui não como mero entretenimento, mas como forma de ampliação do horizonte cultural e intelectual do leitor, com todos os percalços e dificuldades que durante o processo ele deve experimentar), tendem a apontar para a criticidade, para o lado questionador que as obras proporcionam. Ao se referir ao ensino de literatura, Zilberman é bem clara, de modo que podemos afirmar que a escola e os professores devem ser capazes de propiciar ao aluno bem mais que avaliações para aprovação ou não, mas propiciar conhecimento, conhecimento este que não se avalia com “zero” ou “dez”,

mas que reflita práticas educacionais e os tornem, por exemplo, leitores assíduos, cidadãos críticos, etc. Vejamos:

Compete hoje ao ensino de literatura não mais a transmissão de um patrimônio já constituído e consagrado, mas a responsabilidade pela formação do leitor. (...) A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação, mas decifra por meio do intelecto (ZILBERMAN, 2008, p. 32-33)

O ensino de literatura na sala de aula, atualmente, é ainda tratado como o ensino feito pelos manuais, pelos livros didáticos. Tzvetan Todorov (2010) discute essas questões, afirmando que a literatura é trabalhada de modo superficial e equivocado. O contato dos alunos se dá por meios indiretos, por noções e princípios emprestados da teoria literária ou da linguística, trabalhados em primeiro plano, antes e acima do contato com o texto literário. Parte-se, por exemplo, da definição de conto, de gêneros narrativos, estruturas, ou seja, é um contato indireto, no qual a leitura do texto literário em si é deixada em segundo plano. Ou ainda, não há contato algum com o texto. Alguns profissionais aplicam os conteúdos com a finalidade de ensinar apenas verbos, questões gramaticais, ou seja, o uso da literatura como pretexto para outros fins.

O contato maior que qualquer aluno do ensino médio tem com o texto literário de fato se dá seja nas abonações e exemplos que auxiliam na compreensão das regras e formações da língua portuguesa, seja nas próprias aulas de literatura, que se resumem principalmente ao ensino da história e dos gêneros literários (MEIRA, 2010, p.09).

Todorov acentua a preocupação de que o contato dos alunos com a literatura seja apenas em relação à crítica literária, à teoria, ou ainda, à história, sem ao menos ter, de fato, tido o contato direto com o texto literário. E quando o aluno toma para si opiniões outras sem ter tido este contato com o livro, acaba, de algum modo, direcionado para o senso comum, ou ainda, para experiências que o distanciam do gosto literário. Segundo Ferreira e Registro apud Widdowson (2008, p. 1), sobre o papel do professor, vemos que:

se você é um professor sensível, deve usar todo tipo de recurso ao seu alcance. Por exemplo: a diferença entre o discurso convencional e o discurso literário. No primeiro, é possível antecipar e resumir, ou seja, ao ler uma passagem o leitor frequentemente sabe algo da história e usa esse conhecimento para descobrir o que vai acontecer. É um processo natural e todos fazem isso. Porém, no texto literário, o aluno precisa empregar procedimentos interpretativos de forma muito diferente daquele exigido pelo processo normal de leitura. Desta forma, o texto literário pode desenvolver no aluno a habilidade de inferir significados interagindo com o texto.

Através da leitura literária é possível: analisar, interpretar, criticar, etc., ou seja, o aluno é realmente capaz de inferir significados, pois se torna mais crítico e consegue fazer uma leitura mais profunda e não somente superficial. Essa leitura literária é fundamental, uma vez que a prática desse tipo de leitura se torna imprescindível ao processo de oportunizar o aluno como leitor em formação. Ainda com relação a isso, Todorov afirma que:

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão; primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre o infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente (TODOROV, 2010 p.23-24)

Tzvetan Todorov reflete ainda sobre algumas práticas de ensino voltadas apenas ao estudo teórico e crítico das obras literárias. Vejamos:

Os estudos literários têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem. Ler poemas e romances [do modo como é feita tal leitura na escola hoje] não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas. Na escola não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos. (TODOROV, 2010, p.27).

Nesse sentido, percebemos que é necessário, quando tratamos da relação do livro didático e literatura na escola, que estes estudos não fiquem presos somente ao espaço demarcado pelo livro, uma vez que a literatura aborda questões mais amplas relacionadas ao homem e ao mundo. Discute e reflete as mais diversas situações do mundo. E é exatamente isso, mesmo que indiretamente, que propõe Todorov. É necessário um contato maior com a obra literária, com o texto, para que depois, busquemos o que os críticos e teóricos discutem sobre. Proporcionar aos alunos/leitores este contato, descobrir a cada leitura realizada por eles quão fascinante pode ser a literatura, e ainda, como a formação e maturidade podem ser consolidadas por meio da leitura – eis um desafio instigante para o professor. Franchetti afirma que:

De fato, de que pode valer a um aluno saber por alto que o barroco são sombras e contrastes, que o arcadismo são pastores e deuses, que o romantismo é a noite e o amor infeliz e outras coisas do mesmo gênero? E de que adianta ao cidadão a habilidade de examinar um texto e dizer: é arcadista, romântico ou barroco? Se esse cidadão não conseguiu rir com as sátiras de Gregório e Bocage, nem se comover com os poemas doloridos de ambos, se não se emocionou com o brilho da língua do Padre Antônio Vieira, se não chorou ao ler um grande romance realista ou romântico, se não testou os limites do confessionalismo como forma de produzir emoção, de que lhe valeriam aquelas habilidades? (FRANCHETTI, 2009, p.08).

Assim, vemos que a literatura não pode (e nem deve) ficar presa apenas nos fragmentos trazidos nas páginas do livro didático. Primeiro, porque o aluno não conhecerá as obras e textos literários além dessas páginas e do que elas propõem. Segundo, ao ficarmos presos no LD (Livro Didático) e no que ele propõe como literatura, matamos o interesse do aluno, pois o

mesmo acreditará que o literário é somente aquilo que ali se encontra. Às vezes o que acontece é que o aluno tem acesso a outras fontes que não diretamente o texto literário. E acabam julgando aquele livro a partir de outras críticas e não por eles mesmos. Todorov (2010, p.10) afirma ainda que, por se encarar a literatura como matéria escolar, uma disciplina a mais, em que se deve obter notas, as relações entre literatura e aluno começam a sofrer com isso uma banalização, uma rejeição. Assim, o aluno passa a não querer mais essa proximidade com os textos literários, pois os primeiros contatos foram desastrosos, na medida em que, apenas conceitos, regras, escolas literárias, períodos, etc., foram ensinados. Vemos, assim, que a literatura, ao invés de “agente de conhecimento”, como afirma Todorov, passa a ser mais um componente curricular, uma disciplina a ser estudada.

(...) Para esse jovem, literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública. (MEIRA, 2010, p.10).

É interessante também destacar a reivindicação que Todorov faz ao longo do livro, no que concerne à literatura enquanto centro na formação dos cidadãos, seja nos cursos de literatura, como ele mesmo menciona, mas também no ensino básico. Que haja um espaço dedicado ao ensino/discussão e reflexão dos textos literários em si, e que não seja somente utilizado como pretexto. Assim, trazendo o ensino de literatura para o centro, propomos aos alunos que estes sejam pessoas críticas, reflexivas, atentas, dispostas a buscar/entender nas entrelinhas o mundo a sua volta.

Vemos, contudo, a necessidade de oferecer com excelência um ensino de literatura aos alunos. Um ensino que vá muito além das páginas dos livros didáticos, dos conceitos teóricos, datas e períodos. Um ensino que seja capaz de mostrar aos alunos a complexidade de seu mundo

e da realidade em que vive, bem como poder discutir por meio da ficção a sua própria realidade. Além de proporcionar discussões não só sobre o presente, mas também sobre passado e futuro.

A literatura é de suma importância para formação do homem, ela nos leva a refletir sobre nossas ações, nossas atitudes. E está relacionada ao homem, à vida e a realidade, instigando-o a refletir sobre seus atos e caráter, abrindo assim novos horizontes para compreender a realidade humana.

Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de humano (Todorov, 2010, p. 23-24).

Notamos que há uma relação significativa entre a literatura e o mundo, que se realiza num processo humanizador dos seres, fazendo-os refletir, questionar tudo o que os envolvem.

Diante da importância da literatura, observamos algumas considerações de Antonio Candido, nas quais ele relaciona os direitos humanos e a literatura. E, dessa forma, discorre sobre alguns bens, que são fundamentais para a sobrevivência humana: casa, alimento, roupas, instrução e saúde. Esses bens incompressíveis são de suma importância para a sobrevivência do homem e não podem ser negados a ninguém.

Assim, diante de tais considerações, cabe refletir que a literatura também é indispensável para o homem, compreendendo, então, que ela é um bem incompressível, ou seja, que não pode ser negado a ninguém, porque todos necessitam alimentar a alma com as reflexões e questionamentos causados pelo texto literário, por exemplo, bem como é de fundamental importância alimentar nosso corpo fisicamente.

Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente (CANDIDO, 1988, p.175).

Podemos entender que esse bem deve ser valorizado, porque a literatura nos faz compreender o mundo, ela nos faz refletir sobre os valores éticos e morais que regem a sociedade. Ressaltamos, também, que ela, ao tornar o homem reflexivo, o fará pensar profundamente sobre a vida, sobre o ser e o viver, isto é, ela abre novos horizontes, para compreender a realidade humana, em todos os momentos. Se todo ser humano tem direito à saúde, alimentação e, outras necessidades básicas para sua sobrevivência, isso cabe também quanto ao ensino de literatura. Negar qualquer contato com os textos literários ou as obras de arte é também negar o direito de desenvolvimento e formação do homem. É também negar o direito de que este realize, aperfeiçoe, a sua humanidade, como afirma Candido.

Caio Meira, sobre a literatura na obra de Todorov, considera que

se o texto literário não puder nos mostrar outros mundos e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo (MEIRA, 2010, p.12).

Ao refletir sobre essa questão, entendemos quão grande é o papel da literatura enquanto meio de desenvolvimento/transformação do próprio ser humano. Assim, vemos que a literatura não se trata apenas de ler ou não, gostar ou não gostar, mas vai além, pois é capaz de nos levar além daquilo que vemos transposto nas páginas dos livros, nos colocarmos em diferentes situações, discutindo-as. Como afirma Candido, deve nos humanizar. Nos retirar de um lugar comum e nos forçar a entender o mundo no qual vivemos. Abrir nosso intelecto no que concerne as nossas

ações, afinar nossas emoções, sentimentos e nos colocar no lugar do outro. Pensar /Repensar nosso lugar no mundo e fazer com que, mesmo indiretamente, isso reflita em nossos cotidianos.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como os exercícios a reflexão, a aquisição o saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção a complexidade do mundo e dos seres o, cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1988, p.180)

Por fim, cabe-nos algumas considerações mais próximas do ensino da literatura. Neste sentido, relevantes são as considerações de Paulo Franchetti, que vai analisar o *por que ensinar literatura*. E essa questão nos chama a atenção, pelo fato de que a literatura não é simplesmente uma disciplina a ser estudada, vejamos:

A mais imediata é pela afirmação do interesse próprio da arte literária, suficiente para justificar o seu ensino, como o interesse da música ou da pintura justifica o delas. Mas não é essa resposta que se busca aqui, quando se formula tal questão. Outra maneira de responder é pela ênfase na literatura como forma de conhecimento de outra coisa: estudo das paixões e dos movimentos do espírito; veículo de educação e de difusão de modos de comportamento adequados; cristalização de modelos de língua culta; acesso ao diferente (a outros ambientes sociais; outros tempos - o romance histórico, ou o de atualidade de outro período quando lido hoje –; outras formas de o homem se relacionar com a palavra; outros costumes, enfim) (FRANCHETTI, 2009, p.1).

E dessa forma consideramos que a literatura não é uma disciplina fechada, ou seja, um mundo fechado, pois ela amplia a visão do leitor, levando ao diferente, causando emoções, sendo fonte de conhecimento, e produzindo no leitor o prazer de ler, ao adquirir informações, que o ajudarão a ser um leitor assíduo ao pensar sobre suas atitudes e ações.

A partir de toda essa discussão, concluímos que a literatura deve ser trabalhada na sala de aula, de modo que instigue o aluno a se tornar um leitor e, desse modo, nosso objetivo é integrar o aluno no espaço literário, com o desígnio de informá-lo sobre o efeito que a literatura é capaz de produzir em sua vida, enquanto papel indispensável de humanização.

Lembrando-nos uma vez mais sobre as considerações de Candido quanto ao direito aos bens incompressíveis, podemos nos questionar sobre se de fato esse direito à literatura é cumprido quando todo o ensino fica sob a ótica do LD. Quando o ensino, as obras e textos literários não saem das páginas impostas/propostas pelo LD, seria, de fato, errôneo, afirmar que, ao limitar o ensino de literatura ao Livro Didático, estamos também limitando o direito que nossos alunos têm a uma fruição significativa da poesia, a um entendimento mais profundo nas grandes narrativas?

Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. Neste ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégio de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? Apesar das boas intenções no outro setor, talvez isto não lhes passe pela cabeça. E não por mal, mas somente porque quando arrolam os seus direitos não estendem todos eles ao semelhante (CANDIDO, p.172).

Marisa Lajolo, complementa (se assim podemos afirmar) as ideias discutidas por Todorov, Candido e Franchetti sobre o ensino de literatura na escola, os direitos dos alunos em terem uma educação de qualidade, a importância da literatura, do contato com o cânone e o modo como essa relação se dá com o livro didático. Assim, vemos que:

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura. Neste sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de *motivação*, porque é em nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada na prática escolar. Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma ou outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato de leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede (LAJOLO, 2002, s/p).

O texto literário, além de um bem essencial para a formação humana, necessita também de ambientes e propostas que adquiram a permanência do leitor às narrativas. Que proporcionem um “contato solitário” entre leitor e livro, ao contrário do que fazem os manuais escolares e/ou livros didáticos. Compreendendo seus valores no mais íntimo contato com o livro, contrapondo toda forma pretensiosa de ensino ou mesmo vaga que busca outros objetivos, que não o propriamente literário. Esta ideia vai ao encontro também da discussão de Lajolo sobre o texto, vejamos:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 2002, s/p).

É a partir do próprio texto que teremos a oportunidade de inferir seus possíveis significados. Interpretações pautadas naquilo que o texto nos dá e não pelas “adivinhações” realizadas ao acaso sem leitura alguma, ou ainda, com uma leitura superficial. Assim, o papel da literatura se torna imprescindível, pois, ligada ao homem e ao que o envolve, perpassa os tempos e consagra-se como um saber em constante transformação. Transformação esta ligada, propriamente dita, ao mundo. Um ensino que não constitui-se em apenas uma data, um local,

ou ainda, a algo específico, porém, a realidades diversas comuns a qualquer um de nós. Por isso se torna indispensável.

Desse modo, percebemos, a partir das discussões vistas ao longo deste capítulo, que o ensino de literatura nas escolas e a relação com o livro didático, abrange muito mais que aluno/escola/livro, vai além, no sentido de busca/formação e transformação tanto dos alunos, enquanto leitores, quanto de professores enquanto mediadores desse saber. Vemos ainda, que o texto literário nas escolas passa por algumas crises, e que seu verdadeiro intento fica em segundo plano, ou seja, não há estudo do texto literário, bem como não há verdadeiramente um contato. Obviamente, não se pode generalizar as ações em sala de aula, contudo, o que pode ser feito é uma profunda reflexão sobre uma mudança no ensino de literatura.

## CAPÍTULO II – LITERATURA, TEORIA E PRÁTICA: UMA ANÁLISE SOBRE O LIVRO DIDÁTICO

Tendo como base os argumentos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, passaremos agora à análise de um LD. Optamos pelo livro **Ser Protagonista** (2010) – Organizado por Ricardo Gonçalves Barreto, utilizado no 1º ano do ensino médio. Através deste, ampliaremos nossas discussões em relação ao LD. Nosso intuito é destacar o modo como o ensino de literatura é trazido pelo LD. Para tanto, recortaremos algumas partes do LD para nortear nossas discussões. Antes disso, traremos a apresentação feita pelo organizador do LD aos seus usuários, ou seja, seus leitores/alunos. Vejamos:

Caro estudante:

As novas tecnologias permitem o acesso a um enorme acervo de informações. Ao mesmo tempo, trazem desafios: Como processar e comparar de forma crítica esses conteúdos, indo além da superficialidade? Como transformar tanta informação em conhecimentos que contribuam para a formação de cidadãos éticos e autônomos, em vez de simples consumidores das novidades do momento?

Essas questões relacionam-se profundamente com o estudo de Língua Portuguesa, pois a linguagem está em tudo o que diz respeito à vida em sociedade. Esta coleção tem o objetivo de ajudar você a se tornar um leitor atento do mundo e, com isso, contribuir para que possa exercer uma participação social construtiva.

Esse é um propósito que permeia os três volumes, repletos de atividades de leitura, abrangendo uma grande variedade de textos verbais e não verbais, em cada uma das três partes em que essa coleção está dividida: Literatura, Linguagem e Produção de texto.

Na parte de Literatura, os textos aproximarão você da tradição literária em língua portuguesa. Conhecer as obras dos escritores que, ao longo dos séculos, foram experimentando e ampliando as possibilidades de expressão em nosso idioma é uma forma de entrar em contato com questões que caracterizam a experiência humana de diferentes épocas. E, assim, enriquecer sua formação cultural.

Na frente de Linguagem, a reflexão sobre a língua em suas múltiplas dimensões – social, cultural, política, ideológica, expressiva -, articulada ao estudo crítico dos principais temas da tradição gramatical, buscam promover a sua educação linguística em amplo sentido. A língua é tomada como objeto de estudo, mas também como parte inseparável da vida cotidiana.

Nessa abordagem, damos destaque à noção de adequação linguística, que não passa por um julgamento sobre o que é “certo” ou “errado” na língua. Esse tipo de distinção, em geral, serve apenas para discriminar grupos de falantes que não gozam do mesmo prestígio social que os usuários da chamada norma culta. Aqui, você encontrará diversas manifestações da nossa língua, que é patrimônio de todos. Entenderá também que, embora a norma culta seja apenas uma das mais diversas variedades do português, conhecê-la e se apropriar dela é fundamental para o exercício pleno da cidadania, para o enriquecimento cultural e para o prosseguimento dos estudos formais.

Nas atividades de Produção de texto, você não aprenderá simplesmente um conjunto de técnicas. Muito mais importante do que isso é entender para que e com quem se fala ou se escreve. Produzir um texto significa ocupar um lugar social, relacionar-se com outros usuários da língua, participar de uma prática que envolve saberes de diversas naturezas. Dentre os vários gêneros textuais que você vai produzir alguns deles o desafiarão a propor soluções bem fundamentais para problemas da sociedade atual.

Literatura, Linguagem e Produção de texto. Três caminhos para você aprofundar sua leitura do mundo e para estimular sua participação ativa na sociedade do século XXI.

**Os autores**

Assim, o livro didático **Ser Protagonista** é dividido em 31 capítulos separados em três áreas distintas: literatura, linguagem e produção de texto, subdivididas em unidades e capítulos. O LD escolhido é trabalhado na rede de ensino da cidade de Pontes e Lacerda – MT em algumas escolas estaduais e municipais. Por meio da apresentação do LD nos questionamos se realmente as atividades ao longo do livro correspondem ao que é apresentado logo no início. Como se dá a relação proposta nos conteúdos referentes ao ensino de literatura? Abrem, realmente, a possibilidade de discussões mais profundas, na medida em que trazem o aluno/leitor para exercer um papel mais reflexivo e crítico?

O LD é dividido em três partes, como mencionado anteriormente, sendo que a primeira parte do livro é dedicada à área da Literatura, que, por sua vez, divide-se em sete unidades. Para exemplificar os conteúdos abordados na primeira parte, vejamos a tabela abaixo:

|                                                                                |                                                                                                                                                                |
|--------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>UNIDADE 1</b><br><br><b>AO ENCONTRO DA LITERATURA</b>                       | <b>Capítulo 1:</b> Porque ler literatura?<br><br><b>Capítulo 2:</b> Literatura; gêneros e modos de leitura;                                                    |
| <b>UNIDADE 2</b><br><br><b>O TROVADORISMO</b>                                  | <b>Capítulo 3:</b> O Trovadorismo - um mundo de cantores e cavaleiros;<br><br><b>Capítulo 4:</b> O Trovadorismo em Portugal;                                   |
| <b>UNIDADE 3</b><br><br><b>O HUMANISMO</b>                                     | <b>Capítulo 5:</b> O Humanismo – o homem como medida;<br><br><b>Capítulo 6:</b> O Humanismo em Portugal;                                                       |
| <b>UNIDADE 4</b><br><br><b>O CLASSICISMO</b>                                   | <b>Capítulo 7:</b> O Classicismo – o peso da tradição;<br><br><b>Capítulo 8:</b> O Classicismo em Portugal;                                                    |
| <b>UNIDADE 5</b><br><br><b>MANIFESTAÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL QUINHENTISTA</b> | <b>Capítulo 9:</b> As origens da Literatura Brasileira;                                                                                                        |
| <b>UNIDADE 6</b><br><br><b>O BARROCO</b>                                       | <b>Capítulo 10:</b> O Barroco – irregularidade e tensão<br><br><b>Capítulo 11:</b> O Barroco em Portugal;<br><br><b>Capítulo 12:</b> O Barroco no Brasil       |
| <b>UNIDADE 7</b><br><br><b>O ARCADISMO</b>                                     | <b>Capítulo 13:</b> O Arcadismo – razão e sensibilidade;<br><br><b>Capítulo 14:</b> O Arcadismo em Portugal;<br><br><b>Capítulo 15:</b> O Arcadismo no Brasil. |

Como percebemos acima, excetuando-se os dois primeiros capítulos, as unidades que abordam os estudos literários vem trazendo uma perspectiva histórica. Para melhor compreendermos tal perspectiva que privilegia a periodização do ensino de literatura, vejamos este trecho retirado do LD:

As unidades de LITERATURA abordam as estéticas literárias em uma perspectiva histórica. Em cada unidade, o capítulo inicial contextualiza a estética estudada, enfatizando aspectos históricos, culturais e literários. Nos capítulos seguintes, estuda-se a produção literária dos principais autores do período em Portugal e no Brasil (2010, p. 4).

A partir disto, nos indagamos sobre o real papel que exerce o ensino de literatura por meio deste modelo de LD, uma vez que o que vemos é um destaque do processo histórico percorrido pela literatura e não seu papel humanizador, como vemos em Candido e em outros autores, ainda que o conhecimento histórico seja um fator importante de humanização, e não nos passa despercebida a importante relação entre literatura e história. Contudo, a chamada “perspectiva histórica” adotada pelo livro é insipiente e superficial. Primeiro, discute-se uma suposta historicidade estética do texto, juntamente com datas e nomes importantes, como indicado nos manuais. Em segundo plano, e se tanto, podem ser abordadas questões centrais dos textos propostos, de acordo com o que discutimos no primeiro capítulo deste estudo.

Deste modo os alunos perdem a oportunidade de conhecer realmente o literário, uma vez que este passa a ser reduzido. Ainda sobre isso, o Prof. Ms. Oton Magno Santana dos Santos (UNEB-BA), em **A literatura brasileira sob a ótica do livro didático (2011)** tece as seguintes considerações:

(...) que concepção de literatura chega ao aluno? Imaginemos que, de um texto original, se extraia um fragmento e que, a partir desse fragmento, se formulem questões, e que tais questões já suponham determinadas respostas. Se entendemos a literatura como uma espécie de possibilidade da criação, o

que fazer com a interpretação da interpretação de um objeto considerado artístico? (SANTOS, 2011, p. 2)

No primeiro capítulo do material didático escolhido para nossa análise, o LD nos convida à leitura literária, partindo de um conto de Lygia Fagundes Telles, intitulado “História de Passarinho”. A narrativa destaca a história de um homem que encontrou um passarinho e o levou para casa. Todos os dias o homem cuidava da pequena ave. Certo dia, enquanto alimentava o pássaro, sua mulher o chamou e este esqueceu a gaiola aberta, quando retornou se deu conta de que o pássaro havia fugido. Sentou-se, então, na escada e ficou a olhar aquela gaiola vazia. No dia seguinte, o homem, ainda abatido pela fuga do pássaro, abriu o portão e, assim como a ave, foi embora, em busca da sua liberdade. Outros fatores destacados ao longo da narrativa estão relacionados ao modo como a família se relacionava. Uma relação distante, fria...

Na sequência do texto literário nos deparamos com questões a cerca do conto, tais como:

- “O conto desenrola-se em torno de uma sequência de fatos. Descreva-os brevemente.”;
- “Quanto à Justificativa da mulher para a fuga do marido, o leitor pode acreditar que essa é sua opinião sincera ou que ela está escondendo algo dos vizinhos?”;

Contudo, no início do capítulo, vemos uma pequena explicação sobre “Por que ler Literatura”, no qual, observamos que:

(...) a melhor maneira de descobrir “por que ler literatura” é vivenciar a oportunidade que os textos literários oferecem ao leitor de ver e compreender a realidade de uma maneira diferente, mudando a percepção dele sobre si mesmo e sobre aquilo que o cerca. Por isso, este capítulo se inicia com um convite à **Leitura** (2010, p. 16).

Seguindo dessa “reflexão” trazida pelo LD e retomando o texto literário, bem como sua sequência de questões interpretativas, observamos que há certa coerência, que não será, no entanto, encontrada no restante do material, pois o que nos fica claro e latente é que o texto literário fica num plano secundário. Isso se confirma na medida em que as demais páginas apresentam outros conteúdos ligados a “Polissemia”, “Figuras de linguagem”, etc.

A partir destes levantamentos, podemos ainda nos questionar a respeito das concepções literárias que se aproximam dos alunos, uma vez que, para cada texto trazido pelo LD, há uma sequência de perguntas referentes aos conteúdos propostos por cada capítulo, ou seja: qual concepção estes alunos terão? O ensino fica fadado ao pretexto. O conto “História de Passarinho” propõe destacar um homem que vive em um mundo de mesmices e infelicidade. Infelicidade esta causada pelas diárias reclamações de sua mulher, por exemplo. A identificação do homem com o passarinho, se estabelece na medida em que lhes falta liberdade. Na medida em que o local no qual vivem não os satisfaz, os aprisiona. A autora Lygia Fagundes Telles traz para seus leitores essa reflexão acerca da falta de liberdade, percebemos melhor isso nos seguintes trechos:

O passarinho se atirava meio às cegas contra as grades, fugir, fugir. Algumas vezes, o homem assistiu a estas tentativas que deixavam o passarinho tão cansado, o peito palpitante, o bico ferido. Eu sei, você quer ir embora, você quer ir embora, mas não pode ir, lá fora é diferente e agora é tarde demais (TELLES, 2010, p. 16).

Já neste outro trecho podemos compreender melhor esse processo comparativo que a autora faz no conto.

A mulher punha-se então a falar, e falava uns cinquenta minutos sobre as coisas todas que quisera ter e que o homem ruivo não lhe dera, não esquecer aquela viagem para Pocinhos do Rio Verde e o trem prateado descendo pela noite até o mar. Esse mar que, se não fosse o pai (que Deus o tenha!), ela

jamais teria conhecido, porque em negra hora se casara com um homem que não prestava para nada, Não sei mesmo onde estava com a cabeça quando me casei com você, Velho. (TELLES, 2010, p. 17)

Através deste conto, percebemos que há vários pontos a serem destacados e que poderiam ser trabalhados em sala de aula. Um deles, no entanto, seria trabalhar este conto com outras narrativas que dialogassem sobre a mesma temática – a falta de liberdade. Apresentando aos alunos outras possibilidades de ver/ler o mundo, proporcionando-lhes a oportunidade de conhecer outras narrativas. Estabelecendo, dessa forma, uma relação contrária ao que é proposto pelo LD, uma vez que o LD acaba direcionando as interpretações (de modo equivocado, aliás) do texto literário, fazendo qualquer outra coisa, menos discutir, de fato, o texto literário e suas implicações na formação do aluno.

O modo como a literatura é abordada no LD é realmente preocupante, uma vez que, como já mencionado anteriormente, nos deparamos somente com fragmentos literários. Santos ao citar Souza traz a seguinte reflexão:

Há uma concepção de ciência tradicionalmente perpetuada pelo livro didático, enquanto lugar produtor de “dizeres da verdade”. Ambos, o livro didático e a ciência, deverão lidar com conceitos verdadeiros em oposição aos falsos. Ao transmitir “verdades”, o Livro Didático deverá apresentar conteúdos que sejam claros, limpos e transparentes, sem ambiguidades ou equívocos, sem preconceitos, enfim, sem erros (SOUZA, 1999b, p. 61).

Enfim, os LD’s deveriam trazer de fato literatura e não somente o “fragmento do fragmento literário”, uma vez, que devemos nos atentar para a concepção de literatura que os alunos vão levar deste espaço escolar, é inaceitável que os alunos saiam do ensino básico acreditando que, de fato, literatura são os fragmentos trazidos pelo livro didático. Danielle

Amanda Raimundo Silva e Celdon Fritzen em “Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira” citando Zilberman, afirma que:

O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé conceito de *leitura-texto-exercício* [...] o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se justifica quando explicita uma finalidade - a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer (ZILBERMAN, 1988: 111, grifo nosso).

Como afirma Zilberman na citação acima, o que o LD traz é um jogo de “leitura-texto-exercício”. Se tomarmos, por exemplo, o último tópico do capítulo do LD em questão – “A literatura como direito” redirecionamos nosso olhar às considerações que Candido faz em o “Direito à literatura”. De fato, estas mesmas considerações são apontadas pelo LD, entretanto, seu modo fragmentário impossibilita que haja maiores ou quaisquer reflexões, pois ao trazer/propor os “exercícios” como interpretação/reflexão da obra (fragmento) literária, limita-se o campo das experiências literárias que o aluno possa ter em dois pontos: primeiro, porque ao propor estas questões como interpretação, não instigamos nossos alunos a pensar além daquilo que está nas páginas do livro, ou ainda, não há trabalho com o literário, com o texto, com suas ideias, diálogos com o mundo e sociedade... Tudo é superficial. As “respostas” são absolutas e retiradas das linhas dos próprios textos. Segundo, se temos a literatura como direito do aluno, do cidadão, do homem, pressupomos que isso deve ser levado a todos estes, mas, ao nos referirmos ao professor como mediador desse conhecimento em sala de aula, nos questionamos acerca do seu papel como tal: Será que de fato essa literatura é trabalhada em sala de aula? O que têm feito os professores para que esse direito chegue até seus alunos? As aulas de literatura saem do nível “Livro Didático” ou rompem suas regras e conteúdos?

Em outro tópico, que se refere à “Literatura e interação”, vemos afirmações no LD sobre o contato com o texto (literário) e o leitor. No entanto, o que nos fica claro é, justamente, essa

falta de contato entre ambos, nos quais, o LD não oferece nada além de fragmentos. Vemos ainda, uma constante contradição no decorrer do livro didático, uma vez que, ao frisar a importância do contato entre leitor e texto, seu papel formador, entre outros... notamos que o LD em nenhum momento traz um texto literário por completo e, ao trazer alguns trechos literários os vemos seguidos das tradicionais questões que abordam o texto de modo extremamente direto e pragmático. Posteriormente, algum trecho ou outro de outros textos, poemas, informações que “dialogam” com o texto principal. Se o mediador responsável limitar-se apenas ao LD, seus alunos jamais entenderão ou de fato terão este contato com o literário. Jamais conhecerão a especificidade da disciplina literária, que se vincula às questões cruciais do humano, do social, da realidade. E, conseqüentemente, o cânone também ficará à mercê deste procedimento.

Acompanhemos, assim, os demais tópicos que se seguem no Capítulo I do LD: “Funções da literatura”, “A literatura como denúncia social”, “A literatura como investigação psicológica”, “A literatura como entretenimento”. Vejamos o modo como o LD aborda questões outras a respeito da literatura e, além disso, o modo como são trabalhadas (Seguem destacados os pontos a serem discutidos por nós daqui em diante): 1º ponto - “Funções da literatura”: este traz discussões a respeito do “papel” da literatura enquanto formação dos sujeitos e do mundo. Afirmar ainda que, a literatura só existe enquanto objeto social que se estabelece na relação entre leitura e leitor. E mais ao final afirma: “(...) investigar algumas das funções desempenhadas pela literatura ao longo do tempo é um modo de reconhecer o seu poder transformador” (BARRETO, 2010, p. 24). Pois bem, levando em consideração essas assertivas vemos, posteriormente, o 2º ponto – “A literatura como denúncia social”. Neste tópico o livro didático aborda como exemplo um trecho da obra de Émile Zola, **Germinal** (1884), destacando as denúncias sociais por meio da literatura. Neste trecho, temos a conversa de dois personagens: Boa Morte e Étienne. Destacamos, porém, a caixa de texto ao

lado (em anexo), chamada de “Margens do texto”, com duas questões pedidas pelo LD a respeito do conteúdo sobre a literatura como denúncia social, vejamos:

1. A personagem Boa Morte prefere continuar trabalhando para obter uma aposentadoria de maior valor. Qual é a importância dessa postura para o efeito de denúncia social produzido pelo texto?
2. Escolha um trecho do diálogo que, em sua opinião, seja particularmente expressivo ou impactante. Registre-o em seu caderno e explique o que chamou sua atenção na maneira como o texto foi construído.

É interessante ressaltar que o LD trás somente um fragmento da obra, além de retomar a ideia do texto – Denúncia social – por meio de questionamentos que não fazem o aluno refletir sobre o texto, pelo contrário, induz o aluno à prática “da cópia”. Ou seja, incentiva, mesmo que indiretamente, o aluno a copiar as respostas tais quais estão no LD, registrando tudo em seu caderno. Assim, o que de fato este aluno compreenderá do texto em questão? Qual é a importância real das obras literárias nas escolas, nas salas de aula? E os alunos? O que apreendem dessas aulas?

É preciso também que nos questionemos sobre a finalidade última das obras que julgamos dignas de serem estudadas. Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (TODOROV, 2010, p.32)

Desse modo, ao considerar o literário como via de conhecimento, podemos, por outro lado afirmar que sua falta e/ou, ainda, o “trato fragmentário” como o que encontramos em

alguns livros didáticos, acarretam, exclusivamente, no abandono, ou ainda, como frases: “não gosto de literatura”, “não gosto de ler” e assim sucessivamente. Porém, como gostar do que, de fato, nunca tiveram? Como afirma Franchetti: “Ensinar literatura, portanto, em sentido amplo, é criar as condições para que o estudante, o leitor em formação, possa torna-se ele também um herdeiro desse manancial” (2009, p. 07). Condições estas que não sejam fragmentárias, pelas metades, pretextos para fins outros, mas que sejam condições de contato verdadeiro, de estranhamento, de opiniões múltiplas em relação ao texto literário, uma vez que isso também é reflexão do que este pode nos proporcionar.

Mais à frente, o capítulo I do LD nos traz “A literatura como investigação psicológica”.

### ■ A literatura como investigação psicológica

Na continuação de *Germinal*, Etienne passa a liderar a greve dos mineiros. Leia o trecho a seguir e observe a investigação feita pelo narrador sobre as motivações de alguns atos da personagem.

A partir de então, Étienne foi o líder indiscutível do movimento. Passava as noites lendo, recebia muitas cartas e um jornal socialista belga, *Vingador*, o primeiro que entrava na aldeia, o que elevou muito a consideração que os camaradas tinham por ele. Sua popularidade crescente o excitava cada vez mais. Discutir o destino dos trabalhadores nos quatro cantos da província, aconselhar os mineiros da Voreux, tornar-se o centro, sentir o mundo girar à sua volta, tudo isso o enviajava muito, ele, um antigo mecânico, hoje carvoeiro, com as mãos sempre sujas. [...] E seu sonho de ser um líder popular o embalava de novo: Montsou a seus pés, Paris a distância, quem sabe?, a Câmara dos Deputados um dia, a tribuna elegante, onde ele se via enfrentando os burgueses no primeiro discurso pronunciado por um operário no Parlamento.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Trad. Silvana Salerno. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 87.

Étienne está profundamente envolvido com a causa dos mineiros, mas o narrador deixa transparecer que o jovem também alimentava sentimentos de outra natureza, como a vaidade e a ambição.

A revelação dos aspectos contraditórios com que o ser humano se equilibra ante as adversidades da vida também é alcançada de forma privilegiada pela literatura, que tem, assim, a função de **investigar** as motivações humanas, diante de circunstâncias históricas concretas.

### Repertório

#### Ritos de escrita

Comprometido em denunciar o processo de desumanização dos trabalhadores das minas, Émile Zola passou alguns meses experimentando de perto a vida nas minas de carvão e nas vilas operárias, de onde extraiu material para a construção de suas personagens.

Outros escritores desenvolveram processos de criação distintos. Gustave Flaubert (1821-1880), por exemplo, escrevia em seu escritório, “berrando” seus textos; Marcel Proust (1871-1922) isolou-se em um quarto fechado, escuro e à prova de som.

Os ritos ligados ao processo criativo dos escritores e artistas em geral alimentam a curiosidade do público, especialmente a partir do século XIX.

Para tanto, se utiliza ainda da obra **Germinal** para discutir o caráter do personagem que, ao mesmo tempo em que sonha ajudar aos demais companheiros de luta, apresenta ainda um caráter ambicioso. E é tudo o que sabemos da obra e dos personagens!

Posteriormente, é apresentado o tópico “A literatura como entretenimento”, apontando para as obras de Agatha Christie, afirmando que esse tipo de literatura nos serve como entretenimento, para passar o tempo. Na sequência, por meio deste mesmo tema anuncia que nos próximos capítulos essa forma de

“entretenimento” literário pode ser notada em contos e crônicas de humor.

### ■ A literatura como entretenimento

Em um romance da inglesa Agatha Christie, dez pessoas que não se conhecem estão hospedadas em uma ilha. Na primeira noite, após o jantar, ainda sem entender a ausência dos anfitriões, são surpreendidas por uma voz misteriosa que acusa cada uma delas da morte de uma pessoa. Na cena a seguir, após descobrir que os empregados desconhecem a identidade do dono da casa (foram contratados por carta, através de uma agência de empregos), os acusados recordam de que maneira foram convidados a ir à ilha e se dão conta de estarem envolvidos em uma estranha situação.

— Há alguma coisa de muito singular em tudo isto. Recebi uma carta com uma assinatura pouco legível. Dizia provir de uma senhora que encontrei em certo lugar de veraneio, dois ou três anos atrás. Supus que o nome fosse Ogden ou Oliver. Conheço uma Sra. Oliver, e também uma Srta. Ogden, mas tenho plena certeza de que nunca encontrei ou fiz amizade com uma pessoa chamada Owen.

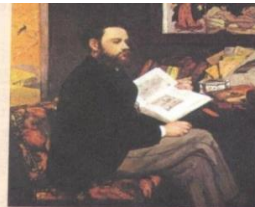
— Tem consigo essa carta, Miss Brent? — perguntou o juiz.

— Sim, tenho. Vou buscá-la para o senhor ver.

Saiu da sala e um minuto mais tarde voltou com a carta.

CHRISTIE, Agatha. *O caso dos dez negrinhos*. 17. ed. Trad. Leonel Vallandro. Porto Alegre-Rio de Janeiro: Globo, 1986. p. 41-42.

Na sequência, uma série de assassinatos acontecerá na ilha. Junto com o narrador, o leitor perseguirá pistas, mantendo-se alerta para tudo o que possa esclarecer o mistério: quem convidou essas pessoas para a ilha e por que estão sendo mortas? Assim, a literatura também cumpre outra função: **entretém**, ou seja, dar ao leitor a oportunidade de passar o tempo de forma agradável, prazerosa.



MANET, Edouard. *Retrato de Emile Zola*, 1868. Óleo sobre tela, 146,5 cm x 114 cm. Museu D'Orsay, Paris, França.

### ■ Hipertexto ■

O **entretenimento** proporcionado pela literatura manifesta-se com bastante clareza nas crônicas e nos contos de humor. Na parte de Produção de texto (capítulo 25, p. 314-315), você pode ler o divertido conto “De cima para baixo”, escrito por Artur Azevedo.

25

Entretenimento? Passar tempo? Se o próprio LD já traz afirmações como estas, sobre os textos literários, que é o principal instrumento do professorado conforme vimos no capítulo anterior, citado pelos PCN's, o que esperar do ensino e suas implicações em sala de aula? Na relação entre aluno e obras?

Franchetti afirma que “Por meio da literatura aprendemos, sim, muitas coisas. Sobre tudo aprendemos a relativizar as certezas, a contemplar o leque das possibilidades de realização (e também das limitações à realização) humana ao longo do eixo temporal ou espacial” (2009, p.07). Compreender a importância do literário no ambiente escolar, ainda é um passo muito grande a ser dado; oportunizar relações entre alunos, professores, escolas/instituições e obra literária que proporcionem discussões produtivas sobre o texto, que realmente abarquem o lado humanizador que a literatura desenvolve.

### **CAPÍTULO III – POSSÍVEL PROPOSTA PARA O ENSINO DE LITERATURA**

Vimos, ao longo deste trabalho, questões que envolvem o uso do Livro de Didático no que concerne ao Ensino de Literatura. Além disso, vimos importantes considerações sobre o papel formador e humanizador proporcionado pela Literatura, por meio de críticos/estudiosos/pesquisadores como Todorov, Candido, entre outros. Neste capítulo, que poderia também ser visto como uma espécie de anexo, sugerimos uma atividade de trabalho baseado na ementa trazida pelo LD, como vimos no início do capítulo anterior. Se por um lado o LD ainda é o maior apoio metodológico utilizado por grande parte dos professores, por outro também, não podemos ficar presos ao seu modo fragmentário.

Pensando nisso, nossa proposta parte da ideia de: mesmo o LD sendo este suporte absoluto de grande parte do professorado, não podemos de modo algum, dizer que ensinamos literatura por meio dele. Uma vez que, não se ensina Literatura (e nenhuma outra disciplina) de modo fragmentado. Sabemos que cada turma (fundamental ou médio) deve ter seu conteúdo apropriado ao nível em que estão inseridos e sabemos também que o LD mesmo fragmentado traz essas ementas. É oportuno, então, utilizá-lo como “guia” para os conteúdos a serem lecionados. Porém, as aulas devem ser pautadas em conteúdos outros, que abarquem na íntegra os textos, no caso em questão: as obras literárias.

(...) os livros didáticos, que em sua maioria apresentam fragmentos textuais que não correspondem ao conjunto temático da obra, de modo que o aluno se concentra apenas no enunciado de determinada passagem, aumentando suas dificuldades para tomar a obra como um todo. Chamado a interpretar o texto literário de forma limitada e imediata, o aluno se vê diante de sérias dificuldades, pois necessitaria de uma leitura total de uma obra para analisá-la enquanto composição literária, com assunto, tema, contexto sócio-econômico e cultural, expressos através de propriedades internas, e que não podem ser apreendidas tão "resumidamente", visto a abrangência e as expectativas que um texto literário propõe (FERREIRA & REGISTRO, 2008, p. 3)

No primeiro capítulo do LD, “Por que ler Literatura?”, temos tópicos relacionados à importância da literatura, tais como: **A literatura como denúncia social**. Neste sentido, nossa proposta de trabalho vai ao encontro também com alguns passos de Rildo Cosson. Estes passos nos possibilitam uma abordagem mais dinâmica e envolvente. Veremos, a seguir, como estes passos funcionam e podem ser aplicados, além da proposta de trabalho.

Rildo Cosson em “A sequência básica” da obra **Letramento Literário** (2006) nos apresenta cinco passos, sendo eles: Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação e Expansão. No primeiro passo, *Motivação*, “indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (COSSON. p. 54, 2006). Esta etapa pode ser realizada por meio de imagens, pinturas, vídeos, músicas e também com pequenos textos, poemas, frases que possibilitem aos alunos uma noção inicial do conteúdo programático. No segundo passo, “chamamos de introdução a apresentação do autor e da obra. (...) No momento da introdução é suficiente que se forneçam informações básicas sobre o autor e, se possível, ligadas àquele texto”. (COSSON, p. 57-60, 2006) O terceiro passo e, talvez, o mais importante se refere à *Leitura*. É depois de boas e profícuas leituras que o aluno poderá ou não se tornar um leitor assíduo. Por isso, o professor, como importante mediador nesse processo de leitura, “não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em

suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura” (COSSON, p. 62, 2006). E ainda:

Ao acompanhar a leitura dos alunos por meio dos intervalos, o professor poderá ajudá-los a resolver ou, pelo menos, equacionar questões que vão desde a interação com o texto, a exemplo do desajuste das expectativas que pode levar ao abandono do livro, até o ritmo de leitura, possível consequência tanto das condições de legibilidade do texto quanto da possibilidade do aluno para realizar a atividade. Em muitos casos, a observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno (COSSON, p. 64, 2006)

Neste sentido, Cosson nos propõe uma leitura protocolada, ou seja, pausadamente, no intuito de aguçar e atrair os sentidos dos alunos para o texto. Provocá-los a participar junto da narrativa, inferindo os sentidos possíveis percebendo, dessa maneira, que a leitura pode e é algo prazeroso. Já o quarto passo, *Interpretação*, exige de alunos e professores um momento de reflexão e entendimento do texto. Para tanto, Cosson, indica duas situações para este passo: um interior e outro exterior. Assim, vemos que:

O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura. (...) O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade (COSSON, 2006, p. 65,).

Cosson discute ainda sobre a importância deste momento na escola. Segundo ele, é um momento de partilha, de compartilhamento, além de, conscientizar os alunos de que pertencem a uma sociedade, uma coletividade e que isso, de um modo ou outro, amplia e fortalece seus

horizontes de leitura, formando, assim, o que Cosson chama de “construção de uma comunidade de leitores”. Com relação ao último passo, *Expansão*, Cosson afirma que:

É esse movimento de ultrapassagem do limite de um texto para outros textos, quer visto como extrapolação dentro do processo de leitura, quer visto como intertextualidade no campo literário, que denominamos de expansão. Desse modo, a expansão busca destacar as possibilidades de diálogo que toda a obra articula com os textos que a precederam ou que lhe são contemporâneos ou posteriores (COSSON, 2006, p. 90).

Neste último passo, temos a oportunidade/possibilidade de trabalho com outros textos, expandindo as noções propostas pelo primeiro texto. Pode ser, ainda, um diálogo entre um ou mais textos, pinturas, músicas, etc., enfim, é construir e reconstruir o conhecimento adquirido, lançando-se para além do superficial. A expansão é um momento em que os próprios alunos podem produzir e buscar outros textos/materiais construindo, por sua vez, seu próprio conhecimento e, acima de tudo, uma trajetória enquanto leitores.

O livro **À roda da leitura: língua e literatura no jornal Proleitura** (2004), organizado por Rony Farto Pereira e Sonia Aparecida Lopes Benites, traz uma discussão de Ítalo Calvino, em que nos apresenta a ideia de “funcionar”. Ou seja, a ideia de que devemos colocar os alunos em contato direto com as obras literárias, sem (como muitas vezes vemos nos LD’s) as amarras, “camisas-de-força”, de interpretações e várias classificações pré-determinadas e consagradas, que acabam por desanimar e desestimular este contato com a obra literária e que, por sua vez, “tendem a desmotivar a aventura da leitura literária”. Com efeito, como citado no início deste capítulo, propomos um trabalho literário partindo das discussões sobre os cinco passos do letramento literário apresentadas por Rildo Cosson, além dos autores que já discutimos no primeiro capítulo deste estudo. Tentando nos desvencilhar do círculo vicioso dos conteúdos já estabelecidos no LD, assim como das atividades ali propostas (textos x perguntas), utilizaremos o conteúdo do primeiro capítulo do LD, no intuito de discutir a literatura como denúncia social. Assim, o plano de trabalho segue da seguinte maneira:

## **I. TEMA**

## Exploração do trabalho infantil (Literatura como Denúncia Social)

### II. OBJETIVOS

- Instigar os alunos a compreender as funções da Literatura, bem como, sua importância;
- Estabelecer argumentos a partir do material didático escolhido para a aula;
- Fazer com que os alunos produzam a partir do tema proposto;
- Provocar nos alunos um olhar mais crítico em relação ao que as obras literárias proporcionam;

### III. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Crônica de Olavo Bilac – Prostituição Infantil
- Crônica de Fernando Sabino – Na Escuridão Miserável
- A LIGA: Trabalho Infantil (parte I). em:  
<http://www.youtube.com/watch?v=O1JaFh-ka5E>
- Criança não trabalha – Arnaldo Antunes. Em:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=pZ-GZom5y1I>>

### IV. PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Metodologia:

- 1- Motivação: Questionar os alunos qual a definição que eles têm da “Exploração do Trabalho Infantil”. Apresentar imagens que abordem a exploração do trabalho infantil.
- 2- Introdução: Apresentar questões literárias sobre a literatura como denúncia social;
- 3- Leitura: Será feita a leitura de forma protocolada, e a cada pausa questionar os alunos o que eles estão achando da crônica (Crônica “Prostituição Infantil”)

- 4- Interpretação: Discutir com os alunos o tema proposto por nós em relação à crônica. Questionando-os sempre, para que possamos despertar neles seu lado crítico.
- 5- Expansão: Passar o vídeo apresentado pelo programa *A liga* - Exploração do Trabalho Infantil - PARTE I. Posteriormente, ler a segunda Crônica “Na escuridão Miserável”. Em seguida, promover um debate sobre o assunto e apresentar algumas pinturas que representam a exploração do trabalho infantil. (As pinturas foram retiradas do Blog “Peteca: Programa de Educação contra a Exploração do trabalho da criança e do adolescente” e fazem parte de um concurso cultural entre as Escolas Públicas que participam do programa).

IMAGEM 01

## CONVITE

O Ministério Público do Trabalho no Ceará convida Vossa Senhoria para participar da solenidade do "Prêmio Peteca - Educação, Cultura e Arte no Combate ao Trabalho Infantil".

O prêmio foi instituído para selecionar as melhores tarefas escolares produzidas pelos alunos de escolas públicas que participam do "Programa de Educação contra a Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente - Peteca".

*Data: 10 de dezembro de 2012*

*Horário: 8 horas*

*Local: Aud. Dep. João Frederico Ferreira Gomes  
(Anexo da Assembleia Legislativa)*

*Endereço: Rua Barbosa de Freitas  
(esquina com Av. Pontes Vieira)*

*Confirmação de presença até o dia 05/12/2012,  
através do e-mail: peteca2008@gmail.com*



*Realização*



**Secretarias  
Municipais  
de Educação**

IMAGEM 02



IMAGEM 03



IMAGEM 04

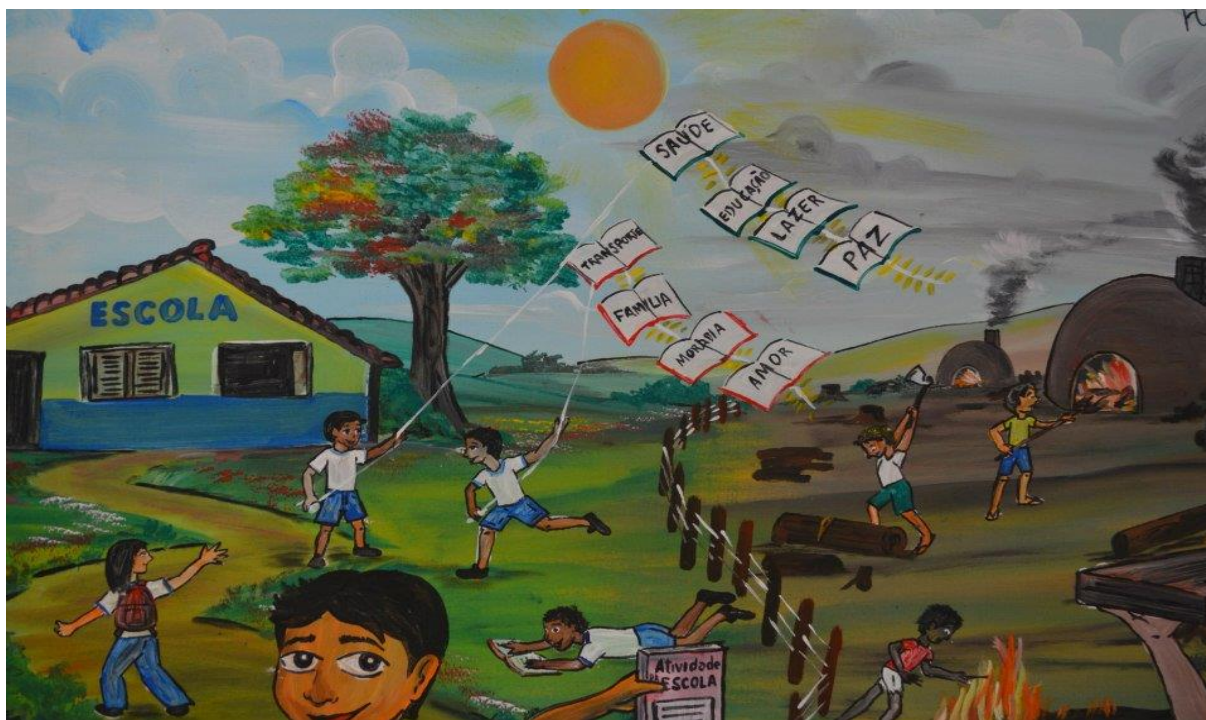


IMAGEM 05

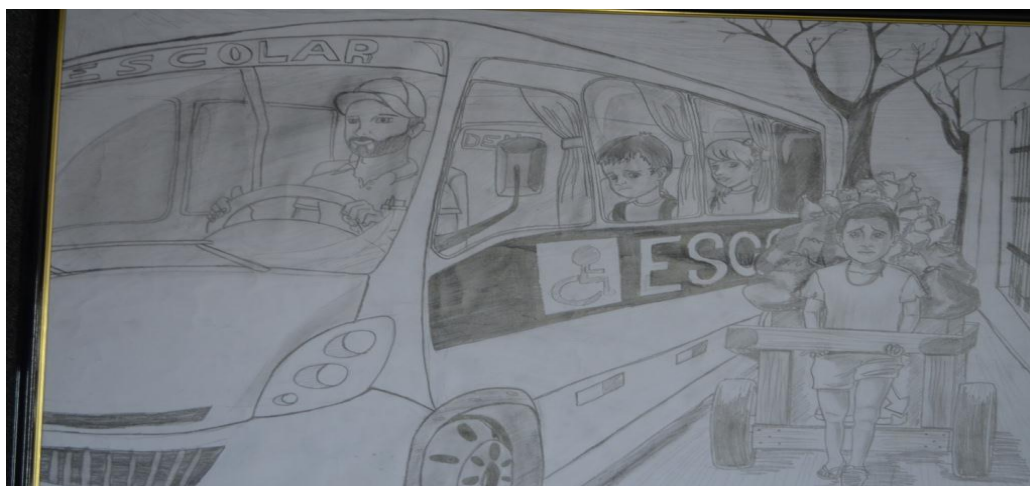


IMAGEM 06



IMAGEM 07



## V. AVALIAÇÃO

Nesta etapa de avaliação propomos aos alunos que façam um trabalho em pequenos grupos, onde estes terão a oportunidade de pesquisar na biblioteca da escola ou mesmo da cidade, outros autores renomados da literatura que tratam sobre a exploração do trabalho infantil. Após a pesquisa, deverão escolher e ler o (a) texto/obra. Apresentar em sala, posteriormente, para os demais grupos quais autores e textos encontraram em quais as primeiras impressões tiveram sobre. Assim, promoveram uma discussão ainda maior sobre o tema, além de, criarem o hábito da leitura e pesquisa.

Contudo, percebemos ao longo dessa pesquisa, que o ensino de literatura necessita de um olhar mais atento no ambiente escolar. Uma vez que, atualmente, o que vemos em grande maioria é um ensino fadado ao fracasso, já que, permanece apenas ao modo fragmentário. É todo um ciclo que precisa ser repensado por vários fatores, sejam eles: a própria escola como

ambiente de formação, o professor como mediador do conhecimento, as políticas públicas referentes ao ensino/educação que deveriam rever leis, conceitos que regem todo o sistema educacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura” in: **Vários Escritos**. 3ª Ed. Revista Ampliada, 1988
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**, São Paulo: Contexto, 2006
- FREITAS, Maria Teresa. **Leitura, escrita e literatura em tempos de internet**. In: PAIVA, Aparecida (org) *Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces - o jogo do livro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FERREIRA, Silvana Rodrigues Quintilhiano. REGISTRO, Eliane Segati Rios. **A fragmentação do ensino de literatura nos livros didáticos e sua abordagem na sala de aula**. XI Congresso Internacional da ABRALIC *Tessituras, Interações, Convergências*, USP – São Paulo, 2008
- FRANCHETTI, Paulo. “Ensinar literatura para quê?”. Revista Desenredos, ano I – número 03. Piauí, 2009
- LAJOLO, Marisa. “A leitura literária na escola” e “Os leitores, esses temíveis desconhecidos”, in: **No mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo, Ática, 2002
- OLIVEIRA, Márcia Andréia Almeida de. **A relação professor/livro didático no ensino-aprendizagem de língua portuguesa na 4ª série do ensino fundamental**/ Márcia Andréia Almeida de Oliveira; orientador, José Carlos Chaves da Cunha. ---2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém, 2007
- PEREIRA, Rony Farto. BENITES, Sonia Aparecida Lopes.(orgs) **À roda da leitura: língua e literatura no jornal Proleitura**. 2004
- SANTOS, Oton Magno Santana dos. **A literatura brasileira sob a ótica do livro didático**. XII Congresso Internacional da ABRALIC, UFPR, Curitiba, 2011 <acessado em 13 de outubro de 2013>
- SILVA, Danielle Amanda Raimundo. FRITZEN, Celdon. **Ensino de literatura e livro didático: uma abordagem a partir das pesquisas na pós-graduação brasileira**. Revista Contra Pontos – Eletrônica, Vol. 12 – n. 3 – p. 270-278/ set-dez 2012 <acessado em: 16 de outubro de 2013>

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira 3ª Ed. Rio de Janeiro, DIFEL, 2010

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e pedagogia: ponto e contraponto**. São Paulo: Global, 2008

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998. 106 p.

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=16842&Itemid=1132](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=16842&Itemid=1132) < acessado em 07.07.2013>

<http://peteca2008.blogspot.com.br/2012/11/premio-peteca-2012-finalistas-da.html> <acessado em 21/11/2013>

<http://lfeioleiturass.blogspot.com.br/2012/05/postituicao-infantil-de-olavo-bilac.html> <acesso em: 27 de maio de 2013>

A LIGA: Trabalho Infantil (parte I). em: <<http://www.youtube.com/watch?v=O1JaFh-ka5E>> <acesso em: 24 de maio de 2013>

Criança não trabalha – Arnaldo Antunes. Em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pZ-GZom5y1I>> <acessao em: 24 de maio de 2013>